



A SENTINELA

Quinzenario Humorístico e Literário

DIRECTOR E EDITOR,
Artur Fernandes de Freitas

ADMINISTRADOR,
A. Faria.

SECRETARIO DA REDACÇÃO — *Azevedo Machado*
PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A Sentinela»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de Camões ☙ Typ. Minerva Vimaranesense

COMPOSTO E IMPRESSO NA

I ANO Guimarães, 25 de Agosto de 1917 NUMERO 24

Viva o Conego Zé Maria Gomes!
Viva o Lyceu Central Martins Sarmiento!

Estavamos nós gosando tranquillo somno, quando um pouco depois da meia noite, fomos sobresaltadamente despertados pelo toque festivo do sino do relógio official—O relógio da Oliveira.— Deitamos immediatamente a mão á pera e a luz fez-se.

E depois *dosiat lux*, sentamos-nos no fofo leito e de ouvido á escuta, assim permanecemos alguns segundos, quando de repente o nosso timpano é ferido pelo estampido de foguetes e pelas notas alegres e sempre magistraes do hymno de S. Nicolau, o Santo patrono dos estudantes vimaraneses.

O quê?!... O hymno de S. Nicolau a esta hora e demais a mais em pleno mez d'Agosto?!...

Esta agora!... Outra venha que rabo tenha!...

Vae-te!...

Mas não me resta a menor duvida!... E' elle... o legitimo... o authentic hymno escolastico!

Ora nós, que desde longa data, ou s'ja, desde os tempos de rapaz, acalentamos a mais terna sympathia pelo hymno dedicado ao Santo filho da Lycia, sympathia que nos ha-de acompanhar até as atestas do sepulchro, sentimos os pruridos d'outr'ora, e encafuando apressada e atabalhoadamente a farpella, lá vamos todo esbafotidos ao encontro das vozes...

Chegados ali ao Largo da Oliveira, deparamos com algumas centenas de pessoas, que ao som do entusiastico hymno soltavam os mais estrepitosos vivas ao *Conego José Maria Gomes*.

—O que ha?!... —perguntamos nós a um velho amigo nosso.—

—O que ha?! Ora essa!... Não sabes?!... Um grande acontecimento!... Um enorme triumpho, meu amigo!...

—Sim?!...

—Foi elevado a Central o nosso lyceu!

—Que me dizes?!... Será possível?!...

—E' como te digo! O *Conego Zé Maria*, esse homem superior, esse homem que á vasta erudição alia o mais fino espirito, esse mestre illostre, que em cada alumno tem um eterno e agradecido amigo, acaba de metter uma lança em Africa, arrancando cá para fora a lei que dá á nossa querida Guimarães as honras de tambem possuir um lyceu Central.

—Que viva o *Conego Zé Maria*!

—Ha-de viver eternamente no coração de todos os vimaraneses, pois aos seus bons esforços devemos nós o ver convertida em realidade a nossa almejada pretensão.

E' o homem a quem Guimarães ficará para sempre devedora d'um dos seus mais importantes melhoramentos.

—Não ha duvida!

O melhor calçado é o da Sapataria Elegante

Conçerria-se e faz-se por medida

Passeio da Independencia—Guimarães.



—Cançou-se... esfalfou-se... discutiu... berrou... mas tanto andou... tanto andou... taes voltas deu e com tal engenho e arte soube mexer os pausinhos que conseguiu o que desejava e o que nós ha muito ambicionavamos.

—E' menino! Mettendo-se-lhe uma ideia na cabeça, não ha ninguém, absolutamente ninguém, que o demova do contrario!

Nem as lamurias dos *vicentes* bracarenses, nem a imaginaria *lesão*, nem a pneumonia, nem as saudades do seu *Bringel*, nem ainda os rogos da mãe extremosa, que em repetidas cartas o chamavam, o fizeram arredar pé de Lisboa e obstaram a que abandonasse o Templo das Leis, sem que fosse convertida em realidade a promessa que havia feito aos filhos d'esta boa terra, que se orgulha, e com justificadissima razão, de o contar entre os seus melhores e mais prestimosos amigos.

—Viva o *Conego Zé Maria Gomes!*

—Espera, amigo... Dá tempo ao tempo... Socega... Esperemos pelo seu regresso, para lhe rendermos as nossas homenagens, para o estreitar num intimo abraço que traduzirá o nosso grande reconhecimento e sincera admiração.

—Onde terá logar o banquete, sabes?

—Diz-se que no Salão nobre da Sociedade Martins Sarmiento.

—Bravo! Muito bem lembrado!

Lá iremos, como lá irão igualmente todos aquelles que, como nós, tem dentro do peito um coração que sabe pulsar e que se interessam pelo progresso e engrandecimento da terra amada, ou seja, d'esta linda terra que nos serviu de berço.

Iremos todos brindal-o, abraçal-o, e, bem alto e do coração, assim bradar:

O' *Conego!* Para vós a nossa gratidão jamais terá fim!

Viva o *Conego José Maria Gomes!*

Viva o *Lyceu Central Martins Sarmiento!*



Padre Gaspar Roriz

Passa no proximo dia 3o do corrente, o anniversario natalicio deste distincto vimaranense.

«A Sentinela» aproveita o ensejo, embora com alguns dias de anticipação, para apresentar as suas homenagens ao estimado conterraneo, que é tambem um illustre orador, distincto jornalista e sobre tudo um bom filho, um dedicado e leal amigo e um grande entusiasta pela terra que o viu nascer.

«A Sentinela» que se honra enserindo nesta pagina o retrato do sympathico anniversariante, cumpre um dever que lhe é grato ao coração.

Ao snr. Padre Roriz apresentamos pois, affectuosos parabens, e com elles um grande abraço a traduzir a melhor estima e uma velha amisade.



Para o front

«A Sentinela», completa hoje um anno de serviço activo, porem tendo sido chamada para os campos de batalha a cumprir um dever militar, vê se na necessidade de abandonar este burgo—o seu torrão natal—, onde de quinze em quinze dias levantava a sua voz forte e destemida, bradando ás armas logo ao romper da manhã.

E' com o coração trespassado de infinda saudade e os olhos marejados por lagrimas de acerba dôr, que neste momento tão critico se vê obrigada a deixar este lindo *Jardim da Europa á beira mar plantado*.

Todavia, se por um bamburrio da sorte, escapar ás balas inimigas, no seu regresso á Patria, voltará a occupar o seu posto na nobre e laboriosa cidade de Affonso Henriques.

A todos os que da melhor vontade contribuíram para que a sua tarefa se tornasse menos pesada, um cordeal abraço de despedida.

Adeus... e até á volta...



«O Proscenio»

Recebemos a amavel visita d'este novo colega portuense, o que agradecemos.

Vamos permutar... quando «A Sentinela» cá voltar.



O Morcêgo e a Porca de Murça

(Continuação)

Passou-se o dia. O Morcêgo,
O destemido, o heroi,
Aproveitando o socego
Da noite, saiu e foi,

Num vôo vertiginoso,
Cumprimentar a comadre,
Que so vê-lo tão ancioso,
Lhe falou:—Olá, compadre,

Parece que trazes pressa...
Ha alguma novidade?
—Sim, ha coisa que interessa,
Disse com certa vaidade,

Com orgulho e regosijo,
O Morcêgo. E com malicia:
Que do seu esconderijo
Pôde ouvir esta delicia:

Luiza, moça chistosa,
Ao acordar, de manhã,
Travessa, maliciosa,
Disse, a rir, a sua irmã:

—No meu quarto esteve alguém...
—Quem foi? Diz, confessa, mana...
—Deus me livre que mamã
Tal soubesse, Mariana!

Mariana, eu tive um medo...
—Foi Jupiter? Foi Cupido?
—Escuta, guarda segredo:
Foi o Morcego atrevido!

—Esse grande malcriado,
O Morcêgo linguareiro?
—Esse, sim, vi-o pousado...
No meu... no meu... travesseiro!

A Porca, sempre tão seria,
Desta vez riu, achou graça...
Gostou de ouvir a pilheria,
Gostou de ouvir a chalaça.

—Então entras nas alcovas
Das graciosas donzelas?!
—Pois elas gostam de trovas...
Não fecham bem as janelas!...

—Bravo, bravo, muito bem—
Aplaudiu sinceramente
A Porca—nunca a ninguém
Ouvi mais atentamente!

(Continua... se «A Sentinela», da
guerra escapar.)

Murça.

VALIERO.

NOTICIARIO

P'ra amigos... mãos rotas

Para a Povoá

Com sua Ex.^{ma} familia, partiu
na quarta-feira, 15 do corrente,
para a ridente praia da Povoá de
Varzim, o nosso querido e particu-
lar amigo Armando Luciano Gui-
marães.

Que gose muito e gaste pouco
são os nossos maiores desejos.

Para a mesma praia partiu tam-
bem na passada quinta-feira, on-
de vae passar 15 dias, o nosso
inolvidavel amigo e ilustre cola-
borador, Eduardo Passos.

Da mesma forma lhe desejamos
uma alegre temporada e a bolsa
sempre recheiada.

Aniversários

Fez annos no dia 18 deste mez
o nosso distincto colaborador Snr.
Albano A. d'Oliveira (Valerio),
de Murça.

Forte tollice...

Colhe depois de amanhã mais
uma mimosa flôr no precioso
jardim da sua existencia, a galan-
te mademoiselle D. Magdalena da
Conceição Barreira.

A Sua Ex.^a, «A Sentinella»
presta a mais sincera das home-
nagens, enviando-lhe o seu humil-
de cartão de parabens, e fazendo
ao mesmo tempo ardentes votos
para que essa formosa flôr, que
tenciona colher no dia mais faus-
toso da sua vida, seja collocada na
Jarra da Adoração e alli se con-
serve por longos annos com suas
petalas sempre frescas e viçosas.

Dois dias depois, ou seja, em
3o do corrente, seu dedicado ir-
mão e nosso querido e particular
amigo João Manoel Barreira, que
na passada quinta-feira partiu pa-
ra a Regoa, afim de fazer toda a
provincia de Traz-os-Montes em
viagem de commercial como repre-

sentante da casa de seu tio, Snr.
Guilhermino Augusto Barreira,
completou as suas 22 primaveras.
Parabens e *ad multos annos*.

Hoje caju tambem na grande
esparrela de fazer annos o nosso
presado amigo e assinante Ber-
nardino Mendes de Almeida.

Mas visto que assim o quiz os
nossos parabens.

Bichinhas douradas

Deitou ha dias 3 bichinhas dou-
radas, o nosso sympatico amigo
Gumerzinda da Silva, 1.^o cabo de
Infantaria 20.

«A Sentinela» perfila-se respei-
tosamente deante do seu superior
e faz a mais cordeal e rasgada
das continencias.

Serão musical

Na Assembleia Vimaranesse
realizou-se na noite de terça-feira,
14 do corrente, um serão musical
em que tomaram parte o distincto
tocador de viola Snr. A. Rente,
do Porto, e A. Sequeira e J. Ro-
riz, bem conhecidos dos nossos
leitores.

Foram todos muito applaudidos,
especialmente nos numeros «Czar-
das», em que Sequeira meteu um
vazadão e «Danças Africanas»,
em que Rente se revelou um
artista.

J. Roriz recitou «A Feia», por
signal bem bonita.

Foi uma noite de verdadeira
arte, como costuma dizer um jor-
nalista muito nosso conhecido.

Agradecemos a bôrla.

Que novidade!

—Olha cá: tu sempre foste
Ao Carvalho, retratista,
Tirar a tua figura,
Todo liró e fadista?

—Fui a semana passada.
—E que tal, como ficou?
—Trabalho de arte, bellissimo,
E o seu custo me agradou!

GUARDA-CHUVAS E BENGALAS, o melhor sortido

CASA ELEGANTE

CHAPELARIA MARTINS

ATÉ Á VOLTA...

Sou portuguez, sou soldado,
Vou a Patria defender,
Vou matar os *alimões*,
Pois é este o meu dever.

Vou p'ró *front*, para as fileiras,
Vou p'rá linha, p'rá vanguarda,
Minha raça é d'um Luziada
Com terçado e espingarda.

Adeus Patria minha amada,
Adeus Terra, oh minha aldeia,
Adeus ermidas de branco,
Em noites de lua cheia!

Adeus montes e montanhas,
Adeus campos com boninas,
Riachos, lagos com cisnes,
Adeus prados e campinas!

Adeus Terra das cantigas,
De dia, pelos montados,
Adeus lindas raparigas
Que cantaes pelos eirados!

Adeus rusticos cruzeiros,
Pombas brancas que voaes,
Arvoredo magro, esguio,
Adeus noivas que ficaes!

O' casas que fumegaes,
A's noites, p'ros altos Ceus,
Casa minha e de meus paes
Tão branquinha, adeus! adeus!

Como vou partir p'rá guerra,
Os *alimões* combater,
Nada ha mais natural
'Stucar o pernil, morrer,

Vou fazer meu testamento
E deixo aos meus caloteiros:
Muitos raios p'ros partir
Já que são pantomineiros.

Aos meus queridos leitores,
Leitores da minha afeição,
Não deixo mais que não posso,
Deixo-lhes meu coração.

Aos meus colaboradores
Que me fizeram catita,
Que lhes devo meus favores,
Os meus cartões de visita.

Vou p'rá guerra, sou soldado,
Vou p'rá terra dos canhões,
Vou partir com o aparelho
P'ra matar os *alimões*.

A Sentinela.

Um banho

Quando na penultima quinta fei-
ra um bom e sympathico amigo
nosso passava despreocupado ali
pela Avenida Miguel Bombarda,
e mesmo por baixo das janellas
d'um predio que está lá em cima,
meia duzia de metros antes de

virar para a estação, despejaram-
lhe em cima do rico chapéu e da
fatiota um enorme balde d'agua!

Antigamente, ha muito tempo
já, quando de alguma casa que-
riam fazer quaesquer despejos
para a rua, era costume prevenir
os transeuntes berrando lá de ci-
ma:

Agua vac, se fôr m... des-
culpae...

Mas agora, os despejos fazem-
se sem aviso e contra as posturas
camararias.

E que fazer-lhes?

Aguentar e calar.

Todavia, prevenimos todos
aquelles que tenham de passear
por aquella avenida, que se res-
guardem, pois, segundo nos affir-
mam, já não é a primeira vez
que tal caso acontece.

Olha que tremenda espiga!
Com que então os da partida
Atiram, aos que lá passam,
Restos de *fazer a vida*?

Porque não foi o amigo
Queixar se á administração
Contra aqueles porcalhões
Que não teem illustração?

Sim, senhor! é muito lindo!
Ir a passeiar a gente,
Pela avenida Bombarda
E, ao passar lá, de repente,

Cair tremendo diluvio
Feito por um porcalhão
E borrar assim a gente,
Sem a menor atenção?!



Tournée Carlos d'Oliveira

Nos dias 16 e 17 do corrente reali-
zaram-se no Theatro D. Affonso Henri-
ques dois brilhantes espectaculos pela
Tournée Carlos d'Oliveira, de que fa-
ziam parte as distinctas e insignes ar-
tistas *Lucinda Simões* e *Emilia d'Oli-
veira*.

No primeiro dia subiu á scena o
drama em 4 actos «*Mancha que limpa*»,
onde *Emilia d'Oliveira* revelou a sua
artística vocação.

Lucinda Simões, apesar do seu pa-
pel bastante secundario, mostrou mere-
cer a justa fama de que vem precedida.

No segundo dia foi representada a

engraçadissima comedia em 4 actos
«*Casta Esmeralda*», que manteve a as-
sistencia quasi em continua gargalhada.

Todos os interpretes foram alvos
das mais freneticas ovações.

Destacaram-se, porém, *Lucinda Si-
mões*, *Emilia d'Oliveira* e *Carlos d'Oli-
veira*.

Cauzou-nos verdadeira tristeza que
a nossa plateia não chamasse ao palco,
recebendo com prolongada salva de
palmas, *Lucinda Simões*, que apesar de
um pouco cançada, é sem duvida uma
reliquia do Theatro Portuguez.

A nossa plateia costumava ser sem-
pre gentil para com os artistas de va-
lor.

Porque não foi desta vez?!

Estrugido

De Calçada, logarejo ali para
os lados de Penafiel, recebemos
um papelucho com o mavioso ti-
tulo que nos serve de epigrafe.

Parece impossivel que haja
quem tenha a pouca vergonha de
dar as honras de jornal a um pas-
quim tão infame que nem para
guardanapo serve.

A todos os *cebôlas* que fazem
parte do «*Estrugido*», recomen-
damos a especialidade do seu
concelho, afim de tratarem d'outro
oficio.

LEIAM!...

Aos nossos estimaveis leitores,
recommendamos a **Padaria
Central** de Machado & C.^a
á Rua da Republica.

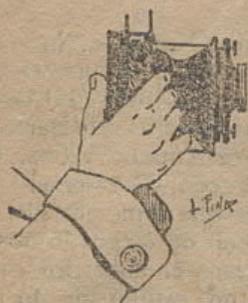
Montada recentemente, encon-
tra-se já bastante afreguesada
em virtude das primorosas quali-
dades de borôa e trigo do seu
fabrico.

Posta-restante

Rogério Pereira de Castro—
Villa Nova de Guaya; *José Joa-
quim de Sousa Pinto*; *Virgilio
Marques*.

—Por absoluta falta de espaço,
vêmo-nos obrigados a recolher os
vossos versinhos, á valla do es-
quecimento.

Desculpae, pois, mas o que não
tem remedio, remediado está.



Em Foco

A magua—esse flagello crucificante dos que amam—, parece não ter encontrado abrigo na alma pura e immaculada da galante mademoiselle que hoje vem honrar as modestas columnas de «A Sentinela».

Aquelles sorrisos tão meigos que nunca abandonam os seus pequeninos lábios de carmim e aquelles reflexos de luz aurifugente que irradiam de seus olhos tão formosos, são indubitavelmente os predicados que mais vivamente contribuem para a belleza do seu rosto de cutis aveludada.

Qualquer padecente, abandonado á desventura, no escabroso caminho do amôr, encontrará na expressão dos seus sorrisos e nos doces requebros do seu olhar, o lenitivo suave para as suas debelantes acrimonias.

Tendo abraçado a sublime carreira da instrucção, esteve, não ha muito tempo ainda, na Invicta cidade, onde mostrou possuir rasgados dotes de intelligencia e forte vocação para os estudos.

Actualmente, á tardinha, quem passar pela parte superior do Jardim Publico, pode contemplar a debruçada ora sobre o peitoril da janella, ora sobre as grades da varanda da formosa vivenda de sua tia, onde se encontra quasi sempre.

Entre as suas numerosas amigas que todos os domingos alli se costumam reunir para passar algumas horas em fraternal convívio, é Ella, sem duvida, a Estrella jubilosa que resplandece n'aquellas reuniões, quer pela sua constante alegria, quer pelo chiste

que continuamente imprime ás suas palavras tão meigas.

O seu nome, formado apenas por quatro letras, sende sómente trez differentes, é muitas vezes pronunciado por pessoas que distinctamente a conhecem e querem pôr em destaque aquellas suas immutaveis expressões de vivacidade, que tão bellamente se coadumam com o seu espirito folgassão.

SEGREDO.

Eil-o que passa no écrain: sympathico, sincero, bom, d'uma bondade sem limites, fragil, d'uma fragilidade doentia... olhar perdido n'alguma visão d'amor que, pela praia povoense se passeia e se deixa gosar...

Nome... tem muitos... o do baptismo é Armando... porem outros lhe chamam Lucio, talvez por ser Luciano, e até o autor destas linhas lhe tem ouvido chamar Lucifer... e para que tudo n'elle seja honrado, até nasceu na cidade de Guimarães...

Tem amigos aos pares que muito o estimam... e mais do que isso tem manas gentis para as quaes elle constitue o affecto supremo... uma coisa delicada que só se pode e só se deve trazer nas palminhas das mãos...

Veraneia actualmente na Povoia, e parece mesmo que o estamos a ver, bonito (porque elle é um rapaz bonito), com o chapéu de palha que a chuvada, a quando da visita do Orpheon a Famação, conseguiu estafar um pouco, e com umas botas domingueiras de impeccavel correcção...

Elle ahí 'stá! não o conhecem? Não sabem porventura que é socio orpheonista auxiliar, e que

é amigo intimo do Zé Barbosa, sem ser da «Lucta» e do Blóco?

Não o conheceram ainda?

Pois então bem ficam sem o conhecer... porque já tenho a mão cançada e o tempo está muito quente.

P.

Um perfil

(Por Sé e Carmo)

A' Ill. M. lle M. da C. Leite P. da S.

Garbosa, gentil, eis ella ahí passa
Em seu andar galante de princeza,
Mostrando uma excepcional belleza
Como a doce alveola que perpassa!...

Dizem, não sei, que uma paixão á massa
Embora envolta em nuvens de pureza;
Que a dotou a Suprema Natureza
D'um bello coração e nóbre raça:

Que o vestir de crepes é signal da dôr
Causada por desfeito e perfido amor
Que lh'arrancou ao peito atroz soffrimento;

E já que perdeu a sua alegria,
Só deseja porisso a campa fria
Ou terminar os dias n'um convento!

VIRGILIO MARQUES.

De como um lavrador de socos foi descobrir um cidadão intelligente: Por menores: Impressões.

Ontem e hoje

Informados, á ultima hora, que o ensino superior se modificou por completo; que os compendios adoptados em todos os liceus são profundamente interessantes sob os aspectos literario e instructivo; que os metodos dos Ex.^{mos} Snrs. professores relativos ao questionario variaram muitissimo, nós, curiosos, e na qualidade de jornalista amator, fomos trocar impressões acerca destas modernas metamorfoses, entrevistando um cidadão conhecidissimo no

Camisas e gravatas — Casa Elegante

Antiga Chapelaria Martins

nosso meio, que foi fazer exame de Historia e Geografia no nosso liceu e que teve a desdita de ficar reprovado — o que acontece a muito boa gente.

A illustre victima é de altura regular, encorpada, bigodeira, cabelo á escovinha, trajo decente, moradora na rua 5 de Outubro e com rez do chão no largo com o nome do ultimo presidente de ministerio, no infeliz reinado de D. Carlos.

Chegado a sua casa, amavelmente fomos recebidos por S. Ex.^a.

—Então! o que o traz por cá? interrogou, após os cumprimentos.

—Nada. Impressões a trocarmos, caro amigo. Tivemos conhecimento da sua infelicidade, enfim...

—Coisas que acontecem, nos respondeu sorridente.

—Diga-nos uma coisa: quando do seu exame de Historia e Geografia denotou variações durante o demorado interrogatorio?

—Oh! muitissimas! não imagina! mal calcula! só presenciando-se. Conforme as perguntas eu ia respondendo bem, acertadamente. Tenho d'isso a firme convicção. Pois meu caro: não foi preciso mais p'ra ficar gatado: Um horror! Imagine, por exemplo, que me perguntaram:—qual o mar que banha as costas de Portugal?—a coisa mais rudimentar da Geografia—ao que uma criança de 2.^o grau saberia responder — como o meu amigo sabe. A minha resposta, comprehendendo-se, foi a mais natural e acertada que se encontra nos nossos compendios: o mar que banha Portugal é o Tejo. Pois quando tal respondi ficaram espantados, boqueabertos, e a conclusão que eu tive é que os professores não passam duns ignorantes. Mas... isto não é nada; como esta muitas outras que eu, satisfatoriamente, lhe explicarei. Coloque-se no meu logar e faria o que eu fiz, enviando uma epistola a um dos professores,

em que dizia isto, pouco mais ou menos:—«não estudei historia antiga, sei alguma coisa de feudalismo e cruzadas; devo dizer-lhes que travei conhecimentos com a revolução francesa.» Sim; porque é natural que eu com o pouco espaço de tempo que estudei não podia, de forma alguma, familiarizar-me com os diferentes assuntos de que tratam as historias, necessitando fazer isto para evitar hipoteses. E o professor sabendo que eu travei conhecimentos com a revolução franceza, é claro, perguntou-me de chofre, á queima roupa, pergunta d'algibeira, onde ela se tinha dado. Devido ao meu estado nervoso, agitadissimo, e á pouca pratica de exames, bem vi que a minha resposta não foi cabal, terminante mas sufficiente para elles comprehendem:—não me lembro, mas li e reli diversas vezes, nos compendios.

—Oh! naturalissimo! pois para *un bon entendeur il ne faut qu'une parole*.

—Sim! parolos ou não parolos, eu é que não tenho culpa alguma que eles não compreendam as modernas teorias. Em seguida interrogaram-me:—Qual foi o chefe da revolução francesa?—Minha memoria é de ferro e, como momentos antes tivesse lido o assunto, respondi categoricamente:—Foi Marão, o que occasionou risos na assistencia. E não sei porquê!

—Sim. Ha muitos meninos que ouvem exames só para se salientarem, rindo-se, escarnecendo, sem nada perceberem do assunto, daqueles que dizem bem.

—Mas ouça, atenda: de historia estrangeira pouco ou nada sabia — assunto em que bastante insistiram comigo, se em lôgro de me intorragarem sobre essa historia que conta lendas e grandes factos das nações mais nobres do mundo, que hoje luctam contra o despotismo, a Kultura, o militarismo, industrias, commercios, navegações e artes, me questionassem sobre a minha bela historia, sim, patricia, gloria de grandes

nautas como Camões e Nuno de P'reira, poetas e escriptores como Vasco da Gama e Gil Anes, livres pensadores como Bartolomeu e Padre Antonio Vieira, revolucionarios como Garnier e Francisco Ferrer que tem, por gloria, uma taboleta no largo do nosso liceu e que os endiabrados colegas meus no estudo, de forma nenhuma queriam suportar; esculptores como Bernardino Ribeiro e Bocage, etc., etc., então sim, os fados seriam outros e o meu barco seguiria livre até ao ponto de salvação.

—Mas então sobre historia patria não lhe perguntaram mesmo nada?

—A pergunta mais banal: quem era o pae de D. Afonso Henriques? A minha resposta foi tão rapida e decisiva que os embaquei a todos:—Egas Moniz; coisa que os não deveria ter espantado e que só com isso mais uma vez demonstraram a sua perigosa incompetencia. Pois bastava ter olhos na cara, passar á antiga rua Nova e ler na chapa collocada na casa da esquina, a palavra—preceptor—que em portuquez antigo quer dizer pae.

—E a mãe? perguntamos.

—D. Urraca.

—E com referencia á chapa: aquelle F. que quererá dizer?

—Que teve mais filhos.

—Quaes?

E o nosso interlocutar olhava o tecto, pensando. Olhe: filhos teve: D. Fuas Roupinho, D. Fernando, o Prior do Crasto, que morreu na batalha de Alcacere-Queres Ka-Br e tantos outros. Todavia, o Egas salientou-se numa das taes figadilidades. Quando foi preso *ma-la* familia por uma corda pelos pescoços (bem entendido:—deles) sendo liberto por um judeu.

—Hein!... Muito bem. Dignos: pode expor, em poucas palavras, visto o tempo minguar, o caso da prisão do infante D. Fernando, em Ceuta?

—Ora, ora! Ninharías! Um dos casos que eu melhor conheço

Camisolas e ceroulas, meias, ligas e suspensorios.

O mais completo sortido

CASA ELEGANTE

e que estudei em uma porção de uteis e comprovadas geografias de Afonso Domingues e do...

—Talvez Soares dos Reis, não?

—Isso mesmo. Foi precisamente nessa que eu vi o caso bem explicado: meteu-se e outros num vapor que teria, aproximadamente, as dimensões do Titanico—aquele pequeno barco que gelou—e seguiram caminho da China. E depois... foi captivo por armadilhas de bruxedo, imitantes ás que os rapazes uzam para caçar passarinhos.

—Bem, meu caro amigo, não o maçamos mais e terminamos a nossa entrevista. Parece incrível, que V. Ex.^a, fazendo um exame como nos acaba de expor brilhantemente, tivesse a desdita de ficar reprovado—o que sinceramente sentimos, falta que não depõe contra a sua alta intelligencia, mas sim contra os poucos conhecimentos que possuem os professores do nosso liceu. Adeus. Muito obrigado.

—Mas ouça, uns minutos apenas: Por ultimo perguntaram-me: quantas as partes do mundo? e ouvi sempre dizer que eram quatro. Enunciei-as: Oceania, America, Africa e Asia.

—Sim, sim, não demoramos mais. E em cumprimento fraternal deixamos S. Ex.^a que durante o dialogo nos falou risonho e contente. Ao sair da porta, com grande espanto nosso, introduziu-se na sala o filho, exclamando: —Oh paê! manda dizer a mãe que a raposa foi ás galinhas.

E rimo-nos.

DR. PERRY.

LITERATURA

Devaneios

O brisa que vaes correndo
Em lento psalmodear,
Não digas á minha amada
Que já me viste chorar.

Não faças com que em seus olhos
Venham lagrimas brotar.

Se a fôres encontrar vivendo
Sob o manto da illusão,
Não lhe transmitas verdades
Amargas p'ró coração.

Dá lhe sómente este beijo
P'ra eterna recordação.

Diz lhe apenas que a saudade
Desta auzencia indefinida,
E' o soffrimento atroz
Para a miuha triste vida.

Sem a luz do seu olhar
Minha dôr é mais sentida!

Mas se com grande alegria
Assim a fôres encontrar
Nem lhe dês saudades minhas
Nem nada lhe vás contar.

Podem lagrimas correr
De seus olhos... e chorar!

Se em mim existe a tristeza,
—Dôr que a alma me tortura—,
Não quero que á minha amada
Tu vás roubar a ventura.

Deixa-a viver em socêgo
Uma vida santa e pura.

O que peço não esqueças
E' que este beijo d'amôr
Em seus labios de coral
O deponhas com fervor;

E se algum Ella te der
Vem trazer-mo por favor.

Guimarães, 1917.

AMÔR-PERFEITO.

Melancolia!

Para longe...

(A' Ex.^{ma} S^{ra}. D. L. C.)



VAE ha pouco ainda que a desillusão me appareceu envolta n'uma neblina escura de acerba dôr, e já hoje é bem triste o meu penar e immensa a magua que me vae n'alma.

Antes viver illudido eternamente!

Com o coração trespassado de infinda saudade e o cerebro embebido em pensamentos ephemerios, assim passo os dias d'esta alegre e risonha quadra do anno, sem um unico sorriso nos labios ou uma doce expressão de intimo prazer, que me venha

suarisar as torturas deste implacavel soffrimento.

Oh! nunca o Vosso olhar tão meigo e sentimental, onde habitam doces requêbros d'ambr, irradiasse sobre o meu, uma centelha d'aquella luz aurifulgente, que viesse abrir vergonteas no meu coração, desconhecedor ainda dos martyrios causados por um amôr indelevel!

Nunca Vossa figura insinuante e virginal, onde a elegancia impera, se deparrasse ante meus olhos, ainda bem longe de suporem que um dia viriam a verter lagrimas de amargura e sentimento!

Nunca a Vossa belleza incomparavel e estonteante, despertasse em mim, pobre mortal, os mais leves traços de fascinação!

Como eu viveria então alegre, sentindo no meu coração hoje quasi moribundo, a Felicidade e Ventura!

Como seria fagueira e risonha a miuha vida, sem este negro horisonte de martyrios, que me vae deixando inerte, exanime e sem forças, para já agora subir ao meu calvario com esta pesada cruz de suplicios e amarguras!

Para mim nem manhãs deleitosas de Verão, nem tardes ridentes de Primavera, nem lindas noites de Luar, serão capazes de me fazer brotar na alma um raio de alegria!

Quando Vos vejo, gentil senhora, cheia de encantos que seduzem, n'um andar terno e languido, atravessar as ruas desta cidade—o Vosso berço da innocencia—, no meu coração regelado, surge ainda um vislumbre de esperanza, mas que rapidamente se dissipa por entre dôlos de infavel tristeza!

Como é doloroso este meu viver coberto de amarguras!

Como é enorme e crucificante a dôr que me invade a alma, já quasi desfaccada pelos irreparaveis excessos d'este amor tão mal correspondido!

E enquanto este soffrimento atroz e indomavel me vae martyrisando dia a dia, Vós, minha gentil deidade, que por tão inexcédível e donairoza formosura, por esse olhar faiscante e sorrisos dominadores, fostes indubitavelmente a causadora das minhas debelancias acrimonias, sentivos-heis talvez alegre e feliz na ridente praia da Povoá de Varzim, onde vos encontraes, olhando o mar, ora sereno como as mansas aguas do rio, ora revolto em turbilhões de encapelladas ondas que, n'um labutar de branca espuma, veem quebrar-se d'encontro á fina areia.

Guimarães, Agosto de 1917.

SEGREDO.



Os generos de primeira necessidade, taes como arroz, bacalhau assucar, etc., etc., atthendendo á grande carestia da vida, só podem hoje ser comprados na acreditada Mercearia Neves—á Rua da Republica, por ser a casa que vende em melhores condições.

